

# OS ELFOS<sup>1</sup>

**Ludwig Tieck**

Tradução de Karin Volobuef

Publicado em:

TIECK, Ludwig. *Feitiço de amor e outros contos*. Tradução de Karin Volobuef e Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Hedra, 2009.

– Onde estará Marie, nossa filha? – perguntou seu pai.

– Ela está lá fora no gramado, – a mãe respondeu – brincando com o filho de nosso vizinho.

– Espero que não corram de lá e se percam; – o pai disse com ansiedade – eles são tão estouvados.

A mãe foi dar uma olhada nos pequenos e levar-lhes o lanche da tarde.

– Como está quente! – disse o menino, enquanto a menina se servia avidamente das cerejas vermelhas.

– Tenham cuidado, crianças, – disse a mãe – e não se afastem muito da casa e nem entrem na floresta. Eu e o pai vamos para a lavoura.

O jovem Andres respondeu:

– Não vos preocupeis, pois temos medo da floresta e ficaremos aqui perto da casa onde há pessoas ao redor.

A mãe entrou de volta e pouco depois retornou em companhia do pai. Eles fecharam a casa e dirigiram-se ao campo para verificar o trabalho dos lavradores, e ao prado para ver como ia a colheita de feno. Sua casa ficava sobre um pequeno morro verde, cercada por uma delgada paliçada que circundava o pomar e o jardim com flores. A aldeia estendia-se um pouco mais abaixo logo nas proximidades e, além dela, ficava o

---

<sup>1</sup> Traduzido do original alemão “Die Elfen” (1811).

castelo do Conde. Martin tinha arrendado do fidalgo a grande propriedade, e vivia tranquilamente com a esposa e sua única filha. A cada ano conseguia guardar algum dinheiro, o que o levava a ter planos de tornar-se um homem rico, já que trabalhava bastante, o solo era produtivo e o Conde não lhe cobrava em demasia.

Enquanto caminhava com a esposa pelos seus campos, alegremente lançou os olhos ao redor e disse:

– Como esta região é diferente, Brigitte, daquela onde vivíamos antes. Aqui tudo é tão verde, a aldeia inteira está repleta de árvores frutíferas, o chão é coberto de ervas vistosas e flores, todas as casas são alegres e asseadas, os habitantes prósperos, e até tenho a impressão de que as florestas aqui são mais garridas e o céu mais azul, e, até onde a vista alcança, tudo o que se vê enche os olhos e o coração de prazer e jovialidade, tamanha é a generosidade da natureza.

– E basta atravessarmos o rio – disse Brigitte – e já parece que estamos em outras terras, pois tudo lá é tão triste e árido. Todos os viajantes também confirmam que nossa aldeia é, de longe, a mais bonita em toda a redondeza.

– Exceto aquele barranco coberto de abetos. – respondeu o homem – Veja só como tudo está preto e desolado nesse recanto afastado e como ele destoa da risonha paisagem à volta: atrás dos pinheiros escuros, uma cabana fuliginosa, as cocheiras arruinadas e o riacho correndo melancolicamente.

– É verdade. – dizia a mulher enquanto ambos ficavam parados olhando – Basta alguém aproximar-se daquele lugar e já é tomado de tristeza e apreensão sem nem saber o porquê. Quem são as pessoas que vivem ali? E por que se mantêm apartadas de toda a comunidade como se tivessem a consciência pesada?

– Pobre populacho. – respondeu o jovem arrendatário – A julgar pelas aparências, devem ser ciganos que realizam roubos e trapanças em outras cercanias e talvez aqui tenham seu esconderijo. Surpreende-me que o Conde os tolere.

– Mas também é possível – afirmou a mulher com suavidade – que apenas seja gente pobre com envergonha de sua pobreza, pois nunca ouvi falar de qualquer mal que tivessem praticado. O que incomoda é não comparecerem à igreja e ninguém saber de fato do que vivem, pois não cultivam nenhuma lavoura e é impossível que tirem seu sustento de sua pequena horta, já que está totalmente abandonada.

– Só Deus sabe – continuou Martin enquanto voltavam a caminhar – a que tipo de negócio se dedicam, pois nenhuma pessoa os visita, já que o lugar onde eles vivem parece enfeitado e banido, e até os moleques mais curiosos não têm coragem de ir lá.

E assim foram conversando enquanto se dirigiam à lavoura.

Aquela área sombria da qual falavam ficava em lugar um pouco mais retirado da aldeia. Em uma escarpa rodeada de abetos havia uma cabana e várias construções quase em destroços, sendo raro aparecer fumaça subindo de lá, mais raro ainda verem-se pessoas. De tempos em tempos, alguém mais indiscreto tinha ousado aproximar-se um pouco mais, tendo avistado no banco defronte à cabana algumas mulheres repulsivas em trajes maltrapilhos, que carregavam no colo crianças igualmente feias e sujas. Cachorros pretos rondavam o lugar; nas horas após o escurecer, um homem mal-encarado que ninguém conhecia, atravessava a ponte do riacho e sumia cabana adentro; e mais tarde viam-se, em torno de uma fogueira, diferentes vultos que se moviam como sombras na escuridão. Aquele declive, os pinheiros e a cabana cheia de avarias sem dúvida contrastavam fortemente com a alegre paisagem verde, com as casas brancas da aldeia e com o magnífico castelo novo, criando um efeito dos mais estranhos.

As duas crianças tinham comido as frutas e agora começaram a apostar corrida para ver quem chegava primeiro, brincadeira em que a ágil e pequena Marie sempre conseguia compensar a dianteira de Andres, que era mais lento.

– Assim não é possível! – gritou ele por fim – Vamos tentar uma corrida para mais longe; então veremos quem ganha!

– Como quiseres – disse a menina – mas não podemos correr até as águas.

– Não – respondeu Andres – mas naquela colina, a um quarto de hora daqui, está uma grande pereira. Vou correr por aqui, contornando pela esquerda o barranco de abetos; tu podes ir pelo campo à direita, e assim apenas nos reencontramos quando já estivermos lá em cima. Desse modo veremos quem é o melhor.

– Certo, – disse Marie, já começando a correr – assim também não nos estorvamos indo pelo mesmo caminho, e o pai sempre diz que a distância até a colina é igual, não importando se circundamos a morada dos ciganos por esta orla ou por aquela.

Andres já havia saído em disparada e Marie, que se dirigira para a direita, não conseguia mais enxergá-lo.

– Ele na verdade é um tolo, – disse consigo – pois bastaria eu criar coragem e atravessar a ponte, passar pela cabana e sair do lado de lá, e assim eu certamente chegaria muito antes dele.

E no mesmo instante ela já estava em frente ao riacho e ao declive de abetos.

– Será que devo ir? Não, é horrível demais. – disse ela.

Do lado de lá havia um cãozinho branco que começou a latir com todas as suas forças. Por causa do susto que levara, o animal lhe pareceu um monstro, e ela saltou para trás.

– Ai, – ela disse – agora o moleque com certeza já ganhou uma grande dianteira, e isso porque estou parada aqui sem tomar uma decisão.

O cachorrinho continuava latindo. Ao observá-lo com mais atenção, ele não mais lhe pareceu horrível mas, ao contrário, um bichinho muito mimoso: estava usando uma coleira vermelha, com um sino brilhante, e sempre que erguia a cabeça ou se movia ao latir, o sino soava de modo encantador.

– Preciso arriscar! – exclamou a pequena Marie – Vou correr o mais ligeiro que puder, e então, rápido, rápido, já sairei do outro lado. Eles certamente não irão me engolir inteira!

Assim dizendo, a vivaz e corajosa criança saltou sobre a ponte, passou correndo pelo cachorrinho que ficou quieto e abanou a cauda, e logo tinha chegado ao fundo. Ali os abetos escuros ocultavam a visão da casa de seus pais e da paisagem circundante.

Quão surpresa ela ficou. Estava em meio a um jardim com flores coloridas e alegres. Tulipas, rosas e lírios brilhavam com as cores mais esplêndidas; borboletas azuis e vermelho-douradas balançavam-se nas flores; em gaiolas de arame lustroso pendiam das treliças pássaros multicores que entoavam canções adoráveis; e crianças em túnicas brancas e curtas, os cabelos amarelos em cachos e olhos claros, saltavam de um lado a outro; algumas brincavam com pequenos cordeiros, outras alimentavam os pássaros ou colhiam flores e com elas se presenteavam mutuamente, ainda outras comiam cerejas, uvas e damascos avermelhados. Nenhuma cabana estava à vista, havendo, ao contrário, no centro da área uma casa bela e espaçosa com uma porta de bronze e cercada de altivas estátuas. A surpresa de Marie era tão grande que a deixou desorientada. Mas como não era acanhada, logo foi até onde estava a primeira criança, ofereceu-lhe a mão e desejou-lhe dia bom.

– Então finalmente vieste para nos visitar? – disse a esplendorosa criança – Eu te vi correndo e saltando lá fora e que tiveste medo de nosso cachorrinho.

– Vós absolutamente não pareceis ciganos e salafrários, – afirmou Marie – ao contrário do que Andres sempre dizia. Ele deve ser apenas um ignorante que fica falando ao léu.

– Fica conosco – disse a fabulosa pequena – e decerto irás te divertir muito.

– Mas apostei uma corrida com Andres.

– Irás retornar para junto dele cedo o suficiente. Toma e prova isto!

Marie comeu, e as frutas lhe pareceram tão doces como nunca havia experimentado, e Andres, a corrida e a proibição de seus pais foram totalmente esquecidos.

Uma mulher de elevada estatura, usando um vestido fulgurante, aproximou-se delas, e perguntou sobre a criança estrangeira.

– Formosa dama, – disse Marie – cheguei aqui por acaso, e cá estão pedindo-me para ficar um pouco.

– Tu sabes, Zerina, – disse a bela – que isso pode ser concedido apenas por um tempo muito breve. E ainda assim deverias ter-me perguntado primeiro.

– Eu pensei – disse a criança reluzente – que, como já lhe fora permitido atravessar a ponte, eu poderia fazê-lo. Além disso, também a vimos muitas vezes correndo pelo campo e tu mesma te agradaste de sua vivacidade. E ela decerto terá de nos deixar suficientemente cedo.

– Não, quero permanecer aqui, – afirmou a estrangeira – pois aqui é tão lindo, e aqui estão as melhores brincadeiras e também morangos e cerejas. Lá fora as coisas não são tão primorosas.

A mulher vestida de dourado afastou-se com um sorriso, e então muitas das crianças saltaram aos risos em volta da entusiasmada Marie, gracejaram e convidaram-na a dançar, outras traziam cordeiros ou brinquedos maravilhosos, outras cantavam enquanto tocavam instrumentos musicais. Ela preferiu, no entanto, ficar junto à companheira que primeiro tinha vindo ao seu encontro, pois era a mais gentil e afetuosa de todas. A pequena Marie repetiu muitas vezes:

– Quero sempre permanecer convosco e que sejais minhas irmãs. – o que levava todas as crianças a rirem e a abraçarem.

– Agora vamos brincar de um jogo muito bonito – Zerina disse.

Ela foi rapidamente até o palácio e retornou trazendo uma caixinha dourada contendo um pólen cintilante. Com os pequenos dedos apanhou um pouco do pó e espalhou alguns grãos sobre o chão verde. Imediatamente lá estavam relvas tão espessas que ondulavam rumorejantes; poucos momentos depois emergiram da terra roseiras deslumbrantes, que cresceram velozes e se encheram de botões e espalharam um doce aroma por todo o lugar. Também Marie pegou grãos de pó e, depois de espalhá-los, viu surgirem lírios brancos e cravos nas mais variadas cores. A um sinal de Zerina, as flores desapareceram novamente e outras apareceram em seu lugar.

– Agora – falou Zerina – prepara-te para algo maior.

Ela colocou duas sementes de pinheiro no chão, cobrindo-as de terra com os pés. Dois arbustos verdes estavam já diante delas.

– Segura-te em mim com força – ela disse, e Marie cingiu os braços em torno do seu delgado corpo.

Então sentiu-se erguida para cima, pois as árvores cresceram debaixo delas com enorme velocidade. Os altos pinheiros moviam-se e as duas crianças seguravam-se e trocavam beijos e abraços enquanto flutuavam para lá e para cá nas nuvens vermelhas do entardecer. Os demais pequenos escalavam com grande agilidade os troncos das árvores para cima e para abaixo, empurrando-se e brincando às gargalhadas quando se encontravam. Se na agitação uma das crianças despencasse lá de cima, ela voava pelos ares, abaixando lentamente e assentando-se sobre a terra em segurança. Por fim Marie sentiu medo; então a outra menina emitiu alguns sons, e as árvores afundaram novamente no chão com a mesma rapidez com que haviam subido até as nuvens.

Atravessaram a porta de bronze do palácio. Em um salão redondo estavam sentadas por toda parte muitas mulheres formosas, umas mais jovens e outras mais velhas, que saboreavam as mais doces frutas ao som encantador de uma música invisível. Na abóbada do teto estavam pintadas palmas, flores e folhagens pelas quais galgavam figuras infantis, balançando-se e assumindo posições graciosas. Conforme os sons da música, as imagens iam-se alterando e tingindo-se com as mais ardentes cores: ora o verde e o azul ardiam em faíscas flamejantes, ora a luz dessas cores empalidecia-se retornando ao aspecto anterior; a púrpura chamejava e o ouro ateava-se em fogo; então parecia que as crianças nuas nas guirlandas de flores realmente estavam vivas e inspiravam e soltavam o ar pelos lábios de rubi, e que de tempos em tempos ficava à mostra o brilho dos dentinhos alvos e os olhos azul-celestes piscavam.

Degraus de bronze conduziam do salão até uma vasta câmara subterrânea. Ali havia grandes montes de ouro e prata, em meio aos quais refulgiam pedras preciosas de todas as cores. Junto às paredes ficavam recipientes fabulosos que pareciam repletos de tesouros. O ouro estava trabalhado em múltiplas formas e tremeluzia com uma amistosa vermelhidão. Muitos anõezinhos ocupavam-se separando as peças e colocando-as nos recipientes; outros, corcundas e de pernas tortas, com longos narizes rubros, carregavam pesados sacos, dobrando-se sob sua carga, tal como moleiros ao peso do cereal, e despejavam arquejantes os grãos de ouro no chão. Então saltavam desajeitados a torto e a direito, lançando-se atrás das esferas douradas que rolavam para todos os lados, prestes a se esconderem; e não era raro que o zelo dos anões fizesse uns derrubarem os outros, o que os levava a cair desengonçados no chão. Quando Marie riu de seus métodos e de sua feiúra, fizeram caras rabugentas e lançaram olhares mal-humorados. Nos fundos estava sentado um homenzinho velho e encolhido, a quem Zerina cumprimentou com grande deferência, e que apenas agradeceu com um grave aceno de cabeça. Segurava um cetro na mão e usava uma coroa sobre a cabeça, e todos os demais anões pareciam reconhecê-lo como seu senhor e obedecer aos sinais de sua mão.

– O que aconteceu desta vez? – perguntou com aspecto ranzinza quando as crianças chegaram um pouco mais perto.

Marie estava com medo e permaneceu calada, mas sua companheira respondeu que elas apenas tinham vindo para dar uma olhada nas câmaras.

– A infantilidade de sempre! – disse o ancião – Esse ócio nunca termina?

Em seguida voltou-se novamente para suas atividades, mandando pesar o ouro e selecionar as peças, atribuindo incumbências a outros anões, repreendendo asperamente alguns outros.

– Quem é esse senhor? – perguntou Marie.

– Nosso Príncipe dos Metais – respondeu a menina enquanto saíam dali.

Pareciam estar novamente ao ar livre, pois se encontravam junto a um grande lago, contudo, não havia sol e não podiam ver o céu acima de suas cabeças. Um pequeno barco as recebeu, e Zerina remou com muito afinco. A viagem foi rápida. Quando chegaram ao centro da lagoa, Marie viu que milhares de córregos, regatos e canais saíam do lago espalhando-se em todas as direções.

– Estas águas à direita – disse a brilhante menina – correm debaixo de vosso jardim; por isso tudo ali floresce com tanto viço. Por aqui se chega ao grande rio caudaloso.

Subitamente, emergindo de todos os canais e do lago, inúmeras crianças vinham nadando. Muitas traziam grinaldas de lírios aquáticos e juncos, outras carregavam enfeites de coral vermelho, e ainda outras sopravam em conchas retorcidas. Um rumor confuso soava alegremente nas margens escuras. Entre os pequenos nadavam formosas mulheres e muitas vezes algumas crianças saltavam em direção a uma ou a outra, dependurando-se aos beijos a seus pescoços e nuças. Todos cumprimentavam a forasteira. Após atravessarem aquela balbúrdia, elas foram se afastando e enveredaram por um pequeno riacho, que ia se tornando mais e mais estreito. Finalmente, o bote parou. Acenaram em despedida e Zerina bateu no rochedo. Como se fosse uma porta, ele se entreabriu, e uma figura feminina muito rosada ajudou-as a desembarcar. Zerina perguntou:

– Estão todos bem animados e vigorosos?

– Estão em plena atividade – respondeu aquela – e tão bem-dispostos como é de esperar, em especial porque o calor está realmente muito agradável.

Elas subiram por uma escada em espiral, e de repente Marie viu-se em um salão exuberante, que estava tão iluminado que, ao entrar nele, seus olhos ficaram ofuscados pelo clarão da luz. Alfombras de cor escarlate cobriam as paredes de brasas purpúreas e, quando seus olhos haviam se habituado, vislumbrou com enorme espanto que na tapeçaria havia imagens dançando jubilosas e movendo-se para cima e para baixo, as quais tinham formas tão belas e eram tão graciosas que não poderia haver nada mais formoso: seu corpo parecia de cristal avermelhado, dando a impressão de deixar entrever o sangue correndo e fluindo por ele. Aqueles seres riam para a criança estrangeira e cumprimentavam-na com diferentes inflexões, mas quando Marie quis aproximar-se, Zerina de repente a puxou com força e exclamou:

– Tu te queimarás, Marie, pois tudo é de fogo!

Marie sentiu o calor.

– Por que – perguntou ela – essas adoráveis criaturas não saem de lá e se juntam a nós para brincar?

– Assim como tu vives no ar – respondeu aquela – eles precisam sempre permanecer no fogo e aqui fora acabariam perecendo. Olha como estão bem ali, como



riem e soltam gritos de prazer. Aqueles lá embaixo são os que espalham rios de fogo para todos os recantos debaixo da terra, fazendo crescerem as flores, os frutos e o vinho. Esses córregos tintos acompanham as águas dos riachos, e assim as criaturas ígneas sempre têm bastante a fazer e ficam satisfeitas. Mas para ti está muito quente aqui, voltemos para o jardim.

Por ali a paisagem tinha-se transformado. O luar derramava-se sobre todas as flores, os pássaros estavam silenciosos e as crianças dormiam em grupos variados nos caramanchões verdes. Marie e sua amiga, porém, não sentiam cansaço, preferindo perambular pela quente noite de verão até o amanhecer e conversar sobre as mais variadas coisas.

Quando nasceu o dia, saciaram-se com frutas e leite, e Marie disse:

– Proponho agora algo diferente: que saiamos até os pinheiros e vejamos como está lá agora.

– Com prazer. – disse Zerina – Então poderás conhecer nossos guardas, que certamente irão agradar-te, e que ficam postados sobre as muralhas entre as árvores.

Foram caminhando pelos jardins floridos, pelos garbosos arvoredos cheios de rouxinóis, em seguida sobre colinas com videiras e, finalmente, após acompanharem por longo tempo as curvas de um límpido riacho, chegaram aos abetos e ao declive que demarcava as fronteiras da área.

– Como é possível – perguntou Marie – que tenhamos um percurso tão longo aqui dentro se o círculo lá fora é tão pequeno?

– Não sei o motivo, – respondeu a amiga – mas é assim que as coisas são.

Subiram até onde estavam os abetos sombrios, um vento frio que vinha de fora do barranco soprou em sua direção, e parecia haver uma névoa cobrindo a paisagem em torno por uma longa extensão. No alto achavam-se postados vultos de aparência extravagante, cujas faces cobertas de pó farinhento faziam lembrar das horripilantes cabeças de corujas brancas. Estavam envoltos com casacos peludos de lã e seguravam acima das cabeças guarda-sóis revestidos de peles estranhas. Com asas de morcego, que contrastavam de modo curioso com os roclós, eles farfalhavam e esvoaçavam sem parar.

– Estou com vontade de rir e contudo sinto horror – disse Marie.

– Estes são os nossos bons e dedicados guardas. – explicou sua pequena companheira – Eles ficam aqui a postos, fazendo soprar um golpe de ar frio que inspira medo e inexplicável aflição em quer que tente chegar perto de nós. Estão no momento

cobertos dessa maneira, porque está chovendo e fazendo frio lá fora, o que não conseguem aguentar. Lá embaixo nunca chega neve e vento, nem o ar frio, de modo que vivemos em eterna primavera e verão; mas se aqui em cima os guardas não fossem constantemente substituídos, não conseguiriam resistir.

– Mas, afinal, quem sois? – perguntou Marie, enquanto voltavam a descer para onde havia o aroma das flores – Ou será possível que vós não tendes um nome, pelo qual possam ser reconhecidos?

– Somos chamados de elfos – disse a gentil criança – e no mundo são contadas histórias sobre nós, como eu já ouvi.

Sobre a planície elevou-se uma grande balbúrdia.

– A ave formosa acaba de chegar! – clamavam as crianças, e todos acorriam ao salão.

Já de longe viam como na soleira se apinhavam jovens e idosos, todos exultantes, e de dentro soava uma música festiva. Entraram e viram a grande circunferência repleta de silhuetas das mais variadas, e todos acompanhavam com o olhar um grande pássaro com resplandecente plumagem que lentamente voava em círculos junto à abóbada. A música que soava era ainda mais alegre do que a habitual, as cores e luzes alteravam-se com maior rapidez. Por fim, a música silenciou, e o pássaro foi pousar sobre uma suntuosa coroa que flutuava debaixo de uma janela que de cima iluminava a abóbada. A plumagem da ave era púrpura e verde, sendo trespassada por luzentes listras douradas; sobre sua cabeça havia um diadema formado de diminutas penas tão radiantes que brilhavam como pedras preciosas. O bico era vermelho e as pernas azuis cintilantes. Conforme se movia, todas as cores piscavam embaralhando-se, fascinando quem o olhava. Seu tamanho era o de uma águia. Mas logo ele abriu o bico reluzente e uma melodia extremamente doce e cheia de emoção brotou de seu peito, em tons mais belos do que os de um rouxinol inebriado de amor. Mais poderoso tornou-se seu canto, derramando-se para todos os lados como raios de luz, fazendo com que todos, inclusive as próprias crianças em idade mais tenra, chorassem de alegria e encanto. Quando terminou, todos se curvaram diante dele. Voou novamente em círculos pelo salão, arrojou-se pela porta afora e rufou contra a claridade do céu, onde logo se tornou um brilhante ponto vermelho. Por fim, sumiu.

– Por que todos vós estais tão contentes? – perguntou Marie e inclinou-se em direção da bela criança que hoje lhe parecia ser menor do que ontem.

– O rei está chegando! – disse a pequena – Muitos dentre nós ainda não o viram; e lá para onde vai, ele leva alegria e bem-aventurança. Há tempos tínhamos a esperança de que viesse. Ansiávamos com fervor ainda maior do que vós, quando, após um longo inverno, aguardais a primavera; e agora ele nos anunciou sua chegada por meio daquele belo mensageiro. Este pássaro magnífico e inteligente, que serve ao rei como emissário, é chamado de fênix. Ele vive longe, na Arábia, sobre uma árvore que só existe uma única vez no mundo, assim como também não há uma segunda fênix. Quando sente que está envelhecido, reúne bálsamo e incenso e forma com eles um ninho, incendeia-o e nele queima a si mesmo. Ele vai entoando um canto até morrer, e das perfumadas cinzas ergue-se a fênix rejuvenescida e com renovada beleza. É raro ele voar por onde as pessoas possam vê-lo, e quando isso acontece uma vez em séculos, elas anotam o sucedido em livros de memórias, e ficam no aguardo de algum evento fabuloso. Mas agora, minha amiga, é chegada a hora de partires, pois não te é permitido avistar o rei.

Por entre a multidão vinha se aproximando a formosa mulher vestida de dourado. Com um aceno, chamou Marie para junto de si e levou-a até um alpendre isolado.

– Tens de nos deixar, criança amada, – disse ela – o rei deseja estabelecer sua Corte aqui por vinte anos, talvez mais. De agora em diante, abundância e prosperidade irão espalhar-se sobre uma vasta paisagem ao redor, mas em especial aqui nas imediações. Todas as fontes e riachos irão tornar-se mais generosos, todos os campos e jardins mais fecundos, o vinho mais nobre, os prados mais espessos e a floresta mais verdejante e fresca. O sopro da brisa será mais suave, nenhum granizo causará danos, não haverá ameaça de inundação. Toma este anel e lembra-te de nós. Mas atenção: jamais conta a ninguém sobre nossa existência, caso contrário, seremos forçados a fugir daqui. E então todos à volta, assim como tu, seriam privados da fertilidade e bem-aventurança que propiciamos. Beija mais uma vez a tua companheira de brinquedos e diga adeus.

Elas saíram do alpendre. Zerina chorou, Marie curvou-se para abraçá-la, e elas se separaram. Imediatamente Marie já se encontrou sobre a ponte estreita, um ar gélido soprava atrás dela vindo dos abetos, o cãozinho latiu carinhosamente fazendo soar seu sininho. Ela ainda olhou para trás, mas logo correu para o espaço aberto, pois a escuridão dos pinheiros, a fuligem da cabana em ruínas e as sombras do crepúsculo infundiram-lhe temor e insegurança.

– Como meus pais devem ter se preocupado comigo nesta noite! – disse a si mesma quando alcançou a lavoura – E eu sequer posso contar-lhes onde estive e o que avistei; e, a bem da verdade, jamais acreditariam em mim.

Dois homens passaram por ela e a cumprimentaram, e ela ouviu como um deles dizia:

– Que formosa mocinha! De onde será ela?

Com passos mais apressados foi aproximando-se da casa dos pais, mas as árvores, ontem carregadas de frutos, hoje estavam estéreis e sem folhas, a casa havia sido pintada de maneira diferente, e um novo celeiro fora construído ao lado dela. Marie estava tomada de assombro, acreditando que era tudo um sonho. Confusa, abriu a porta da casa; junto à mesa estava sentado seu pai, entre uma mulher desconhecida e um rapaz estranho.

– Meu Deus, pai! – exclamou ela – Onde está a mãe?

– Mãe? – disse a mulher tomada de pressentimento, e ergueu-se de forma brusca

– Ai! Será que tu és... Sim, sim, com certeza és Marie, nossa única e amada Marie, que se perdera e que julgávamos morta!

Ela imediatamente a havia reconhecido por um pequeno sinal marrom sob o queixo, pelos olhos e pelo seu porte. Todos a abraçaram, todos estavam comovidos e felizes, e os pais derramaram lágrimas. Marie ficou surpreendida por quase alcançar a mesma estatura do pai, não podia entender como a mãe pudera mudar e envelhecer tanto, e perguntou o nome do rapaz.

– Ora, este é o filho de nosso vizinho, Andres. – disse Martin – Como afinal retornaste de forma tão inesperada após sete longos anos? Onde estiveste? Por que nunca mandaste notícias?

– Sete anos? – perguntou Marie, sem conseguir ordenar suas idéias e memórias – Sete anos inteiros?

– Sim, isso mesmo. – disse Andres rindo e apertou-lhe a mão calorosamente – Eu ganhei a aposta, querida Marie: há sete anos alcancei primeiro a pereira e já retornei para cá, enquanto tu, que és a mais lenta, só chegaste hoje!

Continuaram fazendo-lhe perguntas e insistindo para que contasse o que houve, mas ela, sabendo da proibição, não pôde responder. Aos poucos, eles próprios foram moldando e colocando em sua boca a história de que ela se perdera, subira em uma carroça que passava, fora levada a um lugar desconhecido, não pudera informar às

peessoas de lá onde seus pais moravam, pouco depois fora conduzida a uma cidade muito distante em que gente bondosa a criou e amou; e, tendo essas pessoas agora morrido, ela finalmente voltou a pensar em sua terra natal, tinha aproveitado uma oportunidade de viajar e assim conseguido retornar.

– Não importa o que aconteceu! – exclamou a mãe – Importa apenas que a tenhamos de volta, minha filhinha. Minha única filha, que é tudo para mim!

Andres ficou até a ceia, e Marie ainda estava desnorreada. A casa parecia-lhe pequena e escura, suas roupas eram asseadas e simples, mas pareciam-lhe totalmente estranhas. Ela olhou para o anel de ouro em seu dedo, que faiscava de maneira fabulosa e trazia engastada uma pedra rubra como brasas. Quanto o pai lhe perguntou, respondeu que o anel também fora um presente de seus benfeitores.

Ansiava pelo sono e logo foi recolher-se. Na manhã seguinte, sentiu-se mais serena, suas ideias estavam melhor ordenadas, e agora podia conversar e dar respostas ao povo da aldeia, pois todos vieram cumprimentá-la. Andres já estava de volta logo que os primeiros chegaram, e mostrava-se muito atencioso, feliz e prestativo. A menina em flor, com seus quinze anos, tinha-lhe causado uma profunda impressão, e ele passara a noite em claro. O Conde chamou Marie ao castelo, onde ela mais uma vez repetiu sua história, que agora já lhe era corrente. O velho senhor e sua cortês esposa admiraram sua boa educação, pois ela era modesta sem ser acanhada, respondia a todas as perguntas com polidez e sabia expressar-se muito bem. Ela perdera o receio diante de pessoas e ambientes requintados, pois quando comparava estas salas e figuras com as maravilhas e a sobranceira beleza que presenciara na residência secreta dos elfos, o esplendor terreno afigurava-se-lhe opaco e as pessoas quase pequenas. Os cavalheiros jovens ficaram especialmente encantados por sua beleza.

Era fevereiro. As árvores cobriram-se de folhagem mais cedo do que nunca antes, o rouxinol apareceu com uma precisão inusitada, a primavera esparramou-se pelas terras com um vigor como até os mais idosos ainda não tinham visto. Por toda parte surgiam pequenos arroios que regavam os campos e pradarias; as colinas pareciam estar ficando mais elevadas, as videiras cresciam mais fortes, as árvores frutíferas floresceram como jamais o tinham feito, e uma bênção intumescida de aromas pendia sobre a paisagem em uma pesada nuvem florida. Tudo germinava além do esperado, nenhum dia era penoso, nenhuma tempestade danificava as frutas, o vinho avolumava-se enrubescido em enormes cachos de uvas, e os habitantes da aldeia manifestavam uns aos outros sua

estupefação e sentiam-se como envoltos por um doce sonho. O ano seguinte foi igual, mas todos já estavam mais habituados aos prodígios. No outono Marie aquiesceu aos rogos de Andres e de seus pais: tornou-se sua noiva e no inverno com ele se casou.

Muitas vezes ela se recordava com profunda saudade de sua visita atrás dos pinheiros e então ficava séria e em silêncio. Ainda que tudo à sua volta fosse tão lindo, ela conhecera uma beleza ainda maior, de modo que um luto manso envolveu seu ser numa suave melancolia. Era-lhe doloroso ouvir seu pai ou o esposo falando dos ciganos e mandriões que moravam no sombrio barranco. Frequentemente tinha ímpetos de defender aqueles que sabia serem os benfeitores de toda a redondeza, em especial frente a Andres, que parecia lançar suas reprimendas com exaltada sofreguidão, mas refreava as palavras, trancando-as em seu peito. Assim passou-se um ano, e o seguinte foi alegrado pela chegada de uma filhinha, que chamou de Elfriede<sup>2</sup>, como recordação dos elfos.

O jovem casal vivia com Martin e Brigitte na mesma casa, que era suficientemente espaçosa, e ajudavam os pais a conduzir os trabalhos, que haviam se multiplicado. A pequena Elfriede em breve demonstrou ser dotada de habilidades e propensões incomuns, pois aprendeu a andar muito cedo, e já sabia falar quando ainda não tinha um ano de idade. Depois de alguns anos era tão inteligente e ponderada, e de uma beleza tão prodigiosa, que todas as pessoas a contemplavam maravilhadas, e mãe não conseguia conter a impressão de que ela se parecia com aquelas crianças esplendorosas do barranco de abetos. Elfriede não gostava da companhia de outras crianças, evitando, e inclusive temendo, suas brincadeiras ruidosas, e preferindo ficar sozinha. Ela costumava retirar-se para um canto do jardim, onde lia ou diligentemente fazia pequenos trabalhos de costura. Também era usual que ficasse sentada profundamente absorta em si mesma, ou andasse energicamente de um lado a outro falando sozinha. Seus pais não se incomodavam com isso, pois ela era saudável e se desenvolvia muito bem, embora às vezes ficassem preocupados com as respostas e sensatas observações que fazia.

---

<sup>2</sup> O nome Elfriede (em que “ie” é pronunciado como um “i” alongado) reúne os termos “Elf” (elfo) e “Frieden” (paz, amizade), podendo significar “amiga dos elfos” ou “aquela que mantém a paz com os elfos”. [N.T.]

– Crianças assim tão inteligentes – repetia a avó Brigitte – não vivem muito. Elas são boas demais para este mundo. Fora isso, a beleza desta criança vai além da natureza, e ela não conseguirá encontrar seu lugar nesta Terra.

A menina tinha a peculiaridade de só deixar-se servir com muita má vontade, dando preferência a fazer tudo ela mesma. Quase sempre era a primeira a acordar de manhã, e então lavava-se cuidadosamente e vestia-se sozinha. Do mesmo modo era meticulosa à noite, insistindo em guardar por si mesma seus vestidos e demais roupas, e não admitindo que absolutamente ninguém, nem mesmo sua mãe, arrumasse suas coisas. A mãe aceitava tais teimosias porque não imaginava que tivessem qualquer significado, mas quão surpresa ficou, quando em um dia de festa, ao se prepararem para uma visita ao castelo, trocou sua roupa à força, não obstante os gritos e lágrimas da menina, e se deparou com uma moeda de ouro de formato incomum suspensa por um cordão em torno de seu pescoço. De imediato reconheceu a moeda como sendo igual àquelas que vira em grande quantidade na câmara subterrânea. A criança estava muito assustada, acabando por confessar que a encontrou no jardim, que gostara muito dela e por isso a guardara com tamanho cuidado. A seguir, pediu com tanta insistência e emoção, que Marie voltou a pendurá-la no lugar de antes. Esta, mergulhada em pensamentos e sem dizer palavra, subiu então com ela para o castelo.

Na lateral da casa dos arrendatários ficavam alguns abrigos destinados ao armazenamento de frutas e das ferramentas usadas na lavoura, e atrás deles estendia-se um gramado com um velho pavilhão que fora abandonado após a instalação das novas construções, por ficar distante demais do pomar. Aquele lugar solitário era o preferido de Elfriede, e a ninguém ocorria a ideia de importuná-la ali, de modo que os pais frequentemente só a viam em uma das metades do dia. Certa tarde, a mãe estava nos abrigos para arrumá-los e recuperar um objeto perdido, quando percebeu que um raio de luz estava entrando por uma fenda na parede. Pensou em olhar pela fresta para observar sua filha, e aconteceu de haver ali uma pedra solta que podia ser empurrada para o lado, permitindo-lhe ver exatamente o interior do pavilhão. Elfriede estava sentada sobre um banquinho, e ao seu lado estava a já conhecida Zerina, e as duas crianças brincavam e se divertiam em adorável harmonia. A elfa abraçou a linda criança e lhe disse com tristeza:

– Ah, querida menina, tal como agora brinco contigo eu já brinquei com tua mãe, quando ela era pequena e nos visitou, mas os seres humanos crescem muito rápido e

logo ficam grandes e racionais. Isso realmente é desolador: quisera que permanecesses uma criança por tanto tempo quanto eu!

– Com muito prazer eu faria isso, – disse Elfriede – mas todos dizem que sou precoce e tenho disposição para em breve já ser adulta e abandonar as brincadeiras. Então eu também não te veria mais, Zerina! Ah, é o mesmo que sucede às flores: como é esplêndida a macieira quando seus inchados botões avermelhados estão se abrindo em flor! Nessa época a árvore parece tão imensa e soberba, e todos que a veem têm a expectativa de algo grandioso. Mas então vem o sol, a flor abre-se com muita delicadeza, e logo já aparece por baixo o caroço malvado que depois afasta e arranca as coloridas e elegantes vestes; amedrontado, não consegue impedir seu crescimento, e no outono transforma-se em fruta. Certamente uma maçã também é bela e apetitosa, mas não é comparável à flor da primavera. O mesmo dá-se com as pessoas. Não me agrada a ideia de me tornar uma moça grande. Ah, se pudesse visitar-vos uma única vez!

– Desde que o rei mora conosco – disse Zerina – isso é totalmente impossível. Mas, minha querida, eu venho ver-te com grande frequência, e ninguém me vê, ninguém sabe de nada, nem aqui nem lá. Sem ser vista, atravesso os ares, ou passo voando na forma de passarinho... Oh, nós ainda estaremos juntas por bastante tempo, enquanto fores pequena. O que posso fazer para agradar-te?

– Deves amar-me com muito afeto, – disse Elfriede – com tanto afeto quanto eu trago em meu coração. Mas façamos outra vez uma rosa.

Zerina tirou a conhecida caixinha do seio, jogou ao chão dois grãos e, de repente, lá estava diante delas um arbusto verde com duas rosas escarlates, as quais pendiam uma em direção da outra e pareciam beijar-se. Rindo, as crianças arrancaram as rosas, o que fez o arbusto desaparecer novamente.

– Quisera – exclamou Elfriede – que essa rubra criança, esse milagre da terra não morresse tão rápido.

– Dá-me a rosa! – disse a pequena elfa.

Por três vezes Zerina exalou ar sobre o botão, e beijou-o três vezes.

– Agora – disse, devolvendo a flor – ela permanecerá fresca e aberta em flor até o inverno.

– Irei guardá-la como se fosse uma imagem tua, – disse Elfriede – mantendo-a bem protegida em meu quatinho, e vou beijá-la todas as manhãs e noites, como se fosses tu.



– O sol já está se pondo – disse aquela – devo retornar para casa agora.

Então elas se abraçaram mais uma vez, e Zerina desapareceu.

À noite, Marie tomou sua filha nos braços com um sentimento de dor e reverência. Passou a dar à adorável menina ainda maior liberdade do que antes, e muitas vezes apaziguava seu esposo quando ele procurava pela criança, o que vinha fazendo agora com maior frequência, pois não gostava da reclusão da menina e temia que esse hábito a tornasse simplória ou até estúpida. Sorrateira, a mãe foi mais vezes até a fresta na parede, e quase sempre presenciava a pequena elfa brilhante sentada ao lado de sua filha, ocupada em brincadeiras, ou em conversas sérias.

– Tu gostarias de poder voar? – Zerina perguntou uma vez a sua amiga.

– Com que alegria! – exclamou Elfriede.

Imediatamente a fada enlaçou a mortal, e flutuou com ela elevando-se acima do chão até o telhado do pavilhão. Em sua preocupação, a assustada mãe esqueceu sua cautela e inclinou-se com a cabeça para fora para acompanhá-las com o olhar. Do alto, Zerina ergueu o dedo em sinal de ameaça, mas sorriu. Desceu novamente com a criança, abraçou-a, e desapareceu. Mais tarde voltou a repetir-se que Marie fosse vista pela criança prodigiosa, a qual sempre balançava com a cabeça ou ameaçava, mas com um gesto afável.

Em diversas ocasiões também já havia sucedido de Marie dizer ao marido durante uma discussão:

– Estas sendo injusto com as pessoas pobres na cabana!

Quando então Andres insistia em saber por que ela tinha uma opinião diferente de todas as pessoas na aldeia e inclusive contrária à do próprio Conde, ela emudecia e ficava encabulada. Certo dia, após o almoço, Andres mostrou-se especialmente severo, afirmando que os vadios deveriam ser declarados nocivos ao condado e expulsos de lá. Ela, em sua indignação, exclamou:

– Cala-te, pois eles são teus benfeitores e de todos nós!

– Benfeitores? – perguntou Andres com surpresa – Esses andarilhos?

Em sua fúria, cedeu à insistência dele e, fazendo-o prometer absoluta discrição, contou-lhe a história de sua infância. Como a cada palavra ele ia se tornando cada vez mais incrédulo e zombeteiramente balançava com a cabeça, ela o tomou pela mão e conduziu-o até o recinto de onde ele pôde avistar, muito surpreso, como a elfa brincava com sua filha no pavilhão e a acariciava. Ele estava totalmente atônito. Uma

exclamação de assombro escapou-lhe. Zerina levantou os olhos, de imediato empalideceu e começou a tremer fortemente. Fez o gesto ameaçador, não de forma amável, mas com expressão zangada, e disse então para Elfriede:

– Não tens culpa, coração amado, mas eles nunca ganham em sabedoria, não importa o quanto se considerem prudentes.

Ela abraçou a menina muito apressadamente, e, sob forma de um corvo que gritava roufenho, voou por cima da horta até os pinheiros.

Ao entardecer a menina estava muito calada e, chorando, beijava a rosa. Marie estava amedrontada e Andres falava pouco. Anoiteceu. De um momento para outro, as árvores começaram a murmurar, pássaros voaram ao redor com gritos assustados, um trovão fez tremer a terra, e lamentos fizeram-se ouvir pelos ares. Marie e Andres não tiveram coragem de se levantar; mantiveram-se embrulhados nas cobertas e esperaram com angústia e temor pelo raiar do dia. De manhã tudo estava mais calmo, e fazia silêncio quando o sol veio por detrás da floresta jorrando sua luz.

Andres vestiu-se, e Marie notou que a pedra do anel em seu dedo tinha esmaecido. Ao abrirem a porta, os raios do sol lançaram-se ao seu encontro, mas a paisagem ao redor estava quase irreconhecível. O frescor da floresta tinha desaparecido, as colinas tinham abaixado, os riachos fluíam lentos e com pouca água, o céu parecia cinzento, e quando voltaram o olhar para os abetos, eles não estavam mais escuros ou mais tristes do que as demais árvores; e as cabanas atrás deles não tinham nada de repulsivo. Vários moradores da aldeia vieram e contaram sobre a estranha noite, e que haviam visitado o terreno onde viviam os ciganos, os quais provavelmente partiram porque as cabanas encontravam-se vazias, e seu interior era como costumam ser as casas de gente pobre, inclusive com coisas deixadas para trás. Elfriede disse secretamente à sua mãe:

– Durante a noite, quando não conseguia dormir e rezava de medo durante o alvoreço, minha porta abriu-se de repente e minha companheira de brinquedos entrou para dizer-me adeus. Trazia uma bolsa de viagem, chapéu sobre a cabeça e um grande cajado de peregrino na mão. Ela estava muito aborrecida contigo por seres a causa dos grandes e dolorosos castigos a que está sendo submetida, apesar de sempre ter-te amado muito. E ela disse que todos saem daqui a contragosto.

Marie proibiu-a de falar sobre isso. Nesse momento o barqueiro chegou do rio e começou a contar histórias das mais extraordinárias. Ao cair da noite um homem

estrangeiro de grande estatura tinha vindo procurá-lo; queria alugar sua balsa até o amanhecer, porém com a condição de que ele ficasse recolhido na casa e fosse dormir ou, ao menos, não colocasse o pé para fora da porta.

– Tive medo, – acrescentou o velho – mas o estranho negócio não me deu sossego. De mansinho dirigi-me à janela e furtivamente olhei para o rio. Nuvens imensas percorriam inquietas o céu e as distantes florestas sussurravam aflitas. Era como se minha cabana tremesse, lamentos e soluços rondassem a casa. De súbito avistei uma fulgurante luz branca que se alargava e alargava, como se muitos milhares de estrelas caídas se movessem para fora do barranco de abetos. Faiscando, atravessaram o prado e se esparramaram em direção ao rio. Ouvi um barulho de pés, um tinido, um sussurrar e murmurar que vinha se aproximando mais e mais, e seguia rumo a minha balsa. Nela embarcaram todos: formas grandes e pequenas que luziam; homens e mulheres ao que parecia, e crianças, e o grande forasteiro conduziu-os todos à outra margem. No rio, ao lado da embarcação, nadavam muitos milhares de figuras claras, pelo ar esvoaçavam luzes e névoas brancas, e todos reclamavam e se queixavam por terem de viajar para tão, tão longe, e abandonar as queridas terras a que estavam acostumados. Em meio a tudo isso soava o bater dos remos e o marulho da água, e depois, subitamente fez-se novamente silêncio. Muitas vezes a balsa atracou para ser outra vez carregada. Levaram consigo também muitos recipientes pesados, que pequenos e horripilantes homenzinhos carregavam ou empurravam; se eram demônios, se eram duendes, não sei. Então chegou um séquito magnífico rodeado por ondas fulgurantes. Parecia ser um ancião sobre um pequeno corcel branco, em torno do qual todos se aglomeravam. Mas apenas pude ver a cabeça do cavalo, pois o animal estava oculto de alto a baixo por cobertas suntuosas e resplandecentes. Sobre a cabeça o velho tinha uma coroa e, enquanto ele passava, era como se o sol estivesse despontando ali e a aurora lançasse seus raios avermelhados em minha direção. Assim foi durante a noite inteira. Por fim adormeci em meio àquela confusão, parcialmente imerso em alegria, parcialmente em calafrios. Pela manhã tudo estava quieto, mas o rio até parece ter escoado para longe, e agora não me será fácil controlar a embarcação.

Naquele mesmo ano as plantas começaram a minguar, depois as florestas pereceram, as fontes secaram, e aquela mesma região que antes era a alegria de todo viajante que a atravessava, no outono estava desolada, despida e seca. E, em meio ao mar de areia, só aqui e ali ainda era possível encontrar algum pequeno recesso onde

crescia relva de um verde empalidecido. Todas as árvores frutíferas feneceram, os vinhedos degeneraram, e a paisagem oferecia uma imagem tão triste que, no ano seguinte, o conde e sua família deixou o castelo e este foi se deteriorando até virar ruína.

Dia e noite Elfriede observava com grande saudade sua rosa e pensava em sua companheira de brincedos. Da mesma forma como a flor foi perdendo o viço e acabou murchando, também ela deixou pender a cabecinha e já antes da primavera tinha definhado. Marie muitas vezes ia ao lugar diante da cabana e soluçava pela felicidade perdida. Ela foi se consumindo tal como a filha, e seguiu-a em poucos anos. O velho Martin mudou-se com seu genro para a região em que vivera antigamente.